

# ABORDAGEM ICONOGRÁFICA DOS PROCESSOS DE GENOCÍDIO E CONFINAMENTO TERRITORIAL INDÍGENAS GERADOS PELA CAFEICULTURA NO BRASIL

**José Antônio Souza de Deus**

Doutor em Ciências (Geografia); Professor Adjunto IV- IGC/ UFMG- Belo  
Horizonte/MG- Brasil

**Henrique Moreira de Castro**

Geógrafo/ Prefeitura Municipal de Betim(MG)- Brasil

## **Resumo**

Esse trabalho discute experiência didática recentemente desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais/ Belo Horizonte (MG)- Brasil, que teve como objetivo essencial a investigação das interfaces entre diferentes campos do Conhecimento, viabilizando a reelaboração de idéias em torno de um período emblemático da história do país: o *Ciclo do Café*. A abordagem adotada privilegiou categorias conceituais de análise e paradigmas de interpretação da Etnogeografia e Percepção Ambiental, colocando em pauta a memória visual dos processos de etnocídio e desterritorialização indígena associados ao avanço da fronteira agrícola neste período histórico em São Paulo, Minas Gerais e Paraná, utilizando a iconografia como instrumental metodológico. A proposta fundamentou-se numa postura de respeito às diferenças de estilo e habilidades de aprendizagem dos graduandos, procurando estimular suas potencialidades criativas, afetivas e sociointerativas.

**Palavras-Chave:** Cafeicultura, Memória Visual, Etnogeografia, Indigenismo.

## **Abstract**

This paper examines a college teaching experience developed in Minas Gerais Federal University (UFMG). The main goal was the exploration of links between scientific knowledge (Geography and History) and Arts (Photography), in order to rewrite ideas and issues concerning an emblematic period of Brazil's history:

*Coffee Cycle*. Agricultural expansion, plantation system and coffee belts were themes introduced in this investigation. It was chosen a particular approach that has given distinction to agrarian geography, ethnogeography and environmental perception concepts. The proposal has tried to respect students' different learning styles and skills and has been able to stimulate their affective, creative and interactive sociability potentialities.

**Key-words:** Coffee Plantation, Agricultural Expansion, Brazilian Indians' History; Visual Memory.

## **Introdução**

Esse trabalho propõe uma abordagem centrada no cotidiano escolar materializada numa proposta de ensino transdisciplinar direcionada para a investigação das conexões entre a Geografia, a História e a Arte. O postulado básico dessa intervenção consistiu em que os estudantes pudessem adquirir a capacidade de utilizar diferentes linguagens (incluindo-se aí, a cultura e memória visuais). Os alunos que participaram da experiência foram graduandos e pós-graduandos do Instituto de Geociências/ UFMG (cursos de Geografia e Turismo<sup>1</sup>) e da Faculdade de Educação (Curso de *Formação Intercultural de Educadores Indígenas*), matriculados em disciplinas optativas na área de Geografia Cultural.

Os passos metodológicos utilizados foram: pesquisa bibliográfica/ cartográfica/ documental; problematização sobre as categorias conceituais envolvidas; formação de grupos orientados para investigação dos conceitos em pauta; e sistematização das informações. Os estudos se processaram através da visualização pelos alunos de fotografias que retratam o período da expansão da Cafeicultura no Brasil. A idéia fundamental não foi a de ensinar uma técnica aos estudantes, mas sim a de desenvolver neles a capacidade criativa no exercício da pesquisa, pois cada pessoa se apropria das imagens de uma maneira peculiar, as absorvendo e reinterpretando. Tivemos também como meta que os alunos se apropriassem da linguagem fotográfica de forma

---

<sup>1</sup> Geociências e Cultura (Graduação em Geografia), Tópicos em Planejamento do Turismo I (Graduação em Turismo); Tópicos Especiais IV (Pós-Graduação em Geografia).

crítica e contextualizada, na perspectiva da construção de uma abordagem multidimensional da realidade.

### **Marco Teórico-Conceitual**

O Café, produto nobre da pauta de exportações do Brasil, ocupa lugar de destaque na história (ENCARNAÇÃO, LIMA, 2003), pois constituiu a grande riqueza do país no início do período republicano (LORENZETTI, 2000, MARTINS, 2008, PRADO Jr., 1997, VISCARDI, 2005, WAIBEL, 1979). A “Primeira República” (1889/1930) correspondeu a um período em que políticos paulistas (fazendeiros de café) e mineiros (produtores de leite) ocuparam a presidência. Por isto ficou conhecida como a *República do Café com Leite*. Principal produto de exportação do país<sup>2</sup>, o café era cultivado no período imperial em fazendas no Vale do Paraíba no Rio de Janeiro. Paulatinamente o cultivo do grão se expandiria para São Paulo envolvendo aí o influxo de considerável contingente de migrantes (SODRÉ, 2004). Nesses novos domínios “o sistema de *plantation* foi adaptado ao emprego de mão de obra livre e desenvolveram-se inovações tecnológicas na secagem e descascamento do café” (ECCARDI, SANDALI, 2003, p. 7). “A partir de 1870 a produção paulista de café ultrapassaria a do Rio de Janeiro” (CATELLI Jr., 2004, p. 41), e no início do século XX, o oeste de São Paulo se transformaria na principal área produtora. Toda a estrutura gerada pelo cultivo criou condições para o surto industrial do país, sobretudo no estado de São Paulo<sup>3</sup> (SANTOS, SILVEIRA, 2005). Funcionando à base da derrubada de matas virgens (COSTA, 2007), a marcha do café se tornou uma *fronteira* em

---

<sup>2</sup> “Os elementos que influenciam a qualidade do café são: altitude, tipo de solo, condições climáticas, genética do grão, cultivo das plantas e manutenção dos cafezais. Mas para a obtenção de uma boa bebida ainda se faz necessário um processamento primoroso que vai da colheita à secagem, terminando na armazenagem, torrefação e moagem” (PASCOAL, 2006, p. 33).

<sup>3</sup> A partir do final do século XX o café altera suas rotas de expansão, redirecionando-se para o sul de Minas Gerais (hoje, um pólo cafeeiro tradicional- TUBALDINI, 1999), Espírito Santo, áreas de Cerrado da Bahia e Goiás; e para a “última fronteira” em Rondônia, enfrentando aí alterações nas relações de trabalho (BROGGIO, DROULERS, GRANDJEAN, 1999; ROSS, 1999). O café produzido no sul de Minas foi “destaque no ranking da Coffee Review, depois de ter seu aroma, acidez, corpo, sabor e *aftertaste* avaliados”... (MORT, 2002, p. 99). Já no Vale do Jequitinhonha como acentuam Horta e Dias (2002), o desenvolvimento da cafeicultura produziu a partir dos anos 70 (século XX), modificações na estrutura produtiva e alterações nos espaços rural e urbano regionais. Em Rondônia, “a produção de café já nasce mecanizada e produz o café do tipo *conillon*, próprio para a fabricação do café solúvel” (FREDERICO, CASTILLO, 2004, p.237).

expansão que depois de desalojar os últimos índios *Puri-Coroado*<sup>4</sup> no vale do Paraíba (RIBEIRO, 1996), alcançou as florestas entre o Tietê e o Paranapanema e depois, o Paraná. No oeste de São Paulo essa “frente pioneira” hostilizaria os índios *Kaingáng*<sup>5</sup>, habitantes desses sertões, até então indevidados (CARDOSO, 2007, GAGLIARDI, 1989). Darcy Ribeiro assinala que o índio constituía “o grande obstáculo ao prosseguimento da construção e à abertura das fazendas” pois os Kaingáng “sentiam fechar-se o cerco em torno deles”... e resistiam aguerridamente à violação de seus territórios (RIBEIRO, 1996, p. 124). Como destaca Pinheiro (2004, p. 358):

“ao longo desse período a expansão do sistema da *plantation* do café e da pecuária sobre essas áreas enfraqueceu as formas tradicionais indígenas de relacionamento com a terra e com o trabalho. Cercados pelos brasileiros, os grupos indígenas foram dizimados e os seus remanescentes alojados em aldeias, Postos Indígenas (PI) controlados pelo governo”.

Berta Ribeiro descreve os tristes episódios que caracterizaram esse período:

“com o avanço das culturas de café do Vale do Paraíba para São Paulo e a abertura da estrada de ferro Noroeste do Brasil, que ligava Santos a Corumbá, as aldeias dos Kaingáng foram alcançadas. Os índios atacavam as turmas de trabalhadores da estrada, sendo revidados por chacinas que provocavam novos ataques. A empresa armou o seu pessoal que ficava de sentinela noite e dia, criando um ambiente de terror de ambos os lados. Disso se aproveitaram os grileiros para adquirir terras fertilíssimas a baixo preço. Na verdade os trabalhadores morriam mais de epidemias de malária, febre silvestre e úlcera de Bauru que grassavam na região. Mas as mortes eram atribuídas aos índios, dando motivo a novas represálias. Batidas eram financiadas pela administração da estrada. Surgem assim especialistas em massacres de índios, os tristemente célebres ‘bugreiros’, que queimavam as aldeias, devastavam as roças e

---

<sup>4</sup> O tronco Macro-Jê corresponde a um dos dois grandes troncos dos índios brasileiros. Além da família jê e outras do Brasil central, inclui famílias etnolinguísticas do nordeste e leste do país como os *Kariri*, *Kamakã*, *Maxakalí*, *Botocudo* e *Puri-Coroado* (DEUS, 2010). Estes últimos encontram-se hoje extintos.

<sup>5</sup> A família jê compreende povos do Brasil Central e Meridional que constituiriam notáveis exemplos de resistência sociocultural (GONÇALVES, 1982). Os *Kaingáng* correspondem ao segmento mais meridional dos jês. Constituem uma das sociedades jês remanescentes de população mais numerosa. “Eram senhores das terras interiores do planalto” na região sul do país (SANTOS, 1997, p. 15). Incluem os *Xocleng*, de Santa Catarina, caçados como feras pelos imigrantes.

matavam indiscriminadamente homens, mulheres e crianças. Os maiores morticínios ocorreram de 1908 a 1910” (RIBEIRO, 1987, p. 76).

Possas (2001) demarca que foi a presença das ferrovias que alicerçou a expansão cafeeira. E Pierre Monbeig (1998) também se reporta aos “precursores da marcha pioneira” nos planaltos ocidentais do estado (no final do século XIX e início do século XX)- ou seja, os índios *Kaingáng* e outros.

“Na marcha para o oeste, desbravando terras virgens, a cultura do café entrou no Paraná no início do século XX a partir da divisa com São Paulo” (POZZOBÓN, 2006, p. 160). “Em um quarto de século surgiram na região 110 núcleos urbanos” (STECA, FLORES, 2002, p. 141). Com a movimentação desta “frente pioneira” para o noroeste do estado a partir dos anos 30 (século XX), o território indígena de um grupo guarani<sup>6</sup> denominado *Xetá* (SILVA, 2000) foi alcançado e pulverizado. Os *Xetá* sofreram “campanha violenta e rápida de extermínio”... “A aproximação submissa dos sobreviventes... não evitou seu aniquilamento físico” (SANTOS, 1978, p. 33).

Postulamos que são pertinentes a análise e investigação dos registros iconográficos desse turbulento período, com ênfase na interpretação dos processos de etnocídio e desterritorialização indígena- tal como são hoje definidos nas abordagens da Geografia Política e da Etnogeografia (HAESBAERT, 2002, 2004). Tais processos ocorreram paralelamente à destruição de importante bioma (configurando um verdadeiro topocídio<sup>7</sup>): a Mata Atlântica; e constrangeram os índios a territórios de confinamento, dispersos, exíguos e degradados. Pinheiro (2004, p. 381/ 382) registra, a propósito, que:

“no processo de colonização, enquanto houve terra fértil, propícia para o plantio do café, a colonização caracterizou-se por um tipo de ‘exploração nômade’ da natureza,

---

<sup>6</sup> O tronco Tupi é o mais importante tronco dos índios brasileiros. Sua principal família é a tupi-guarani que congregava originalmente sociedades indígenas com organização social complexa, como os antigos Tupi da costa e os Omágua do Amazonas. Os Guarani correspondem ao ramo meridional da família, antigamente distribuído por toda a bacia do Prata, no Brasil e países limítrofes.

<sup>7</sup> O fenômeno do topocídio tal como é concebido na percepção ambiental corresponderia à “aniquilação deliberada de lugares” (AMORIM FILHO, 1999).

provocando a devastação das florestas e o abandono da terra exaurida,. As terras conquistadas aos índios, no ocidente paulista, não foram objeto de preservação”.

Borelli (1984, p. 51) complementa que “a trajetória Kaingang está marcada por um percurso permanente de violências que se expressa pela perda dos territórios tradicionais de caça e coleta, pela constante depopulação e pelo posterior confinamento em espaços restritos das reservas onde a ação do Estado se expressa de modo deficiente”. E Dean (1996, p. 206) demarca que:

“a queimada da floresta para plantar cafezais foi a principal causa, mas, não a única, de desflorestamento no século XIX. O comércio do café induziu o crescimento demográfico, a urbanização, a industrialização e a implantação de ferrovias. Conseqüências indiretas da prosperidade febril baseada numa única mercadoria de exportação, exerceram pressões sobre uma área mais ampla da Mata Atlântica, dando início ao que agora pode ser considerado como danos irreversíveis a paisagens antropomorfizadas”.

### **Registros Iconográficos Como Instrumental Para Pesquisas Acadêmicas**

Sob a forma de desenhos, esculturas, pinturas ou fotografias- ou seja, através de imagens, pode se representar com precisão vários acontecimentos e idéias. Custódio (1999, p. 130) postula que: “não há conhecimento, reconhecimento ou memória sem imagem”. Os registros iconográficos têm a potencialidade de criar o retrato de uma época, documentando as formas pelas quais as pessoas se relacionavam umas com as outras (CASTRO, DEUS, 2007). Num primeiro momento, a pintura e o desenho se colocaram como meios tradicionais de comunicação e propaganda das artes visuais, e até meados do século XIX, era através da pintura ou do desenho que as pessoas imortalizavam imagens. Mas com o desenvolvimento da fotografia<sup>8</sup>, a partir de 1860, a produção de retratos deixou de ser uma função dos pintores e a fotografia entrou em cena. Percebeu-se nesse momento que este dispositivo podia realizar tal trabalho de forma primorosa e a baixo custo. De acordo com

---

<sup>8</sup> “Todas as linguagens da imagem produzidas através de máquinas (fotografia, cinema, televisão...), são signos híbridos: trata-se de hipoícones (imagens) e de índices. Não é necessário explicar porque são imagens porque isso é evidente. São, contudo, também índices porque essas máquinas são capazes de registrar o objeto do signo por conexão física” (SANTAELLA, 2003, p. 69-70).

Chiavari (2005, p. 34), no momento de sua descoberta, a fotografia foi apresentada como invenção capaz de reproduzir mecanicamente a realidade. E a valorização de sua “objetividade” em relação às outras artes levou ao seu uso como documentação de fatos e pessoas. Para Frehse (2005, p. 185): “a fotografia constitui, além de relevante instrumento de pesquisa, documento e veículo de representações privilegiado para a compreensão da vida social. Como imagem que é, vale para a fotografia o que vale para a imagem de maneira geral: ela fornece indicações sobre a realidade que retrata e sobre o olhar daquele que a produziu”. Alimonda e Ferguson (1990, p. 170), destacam que “o interesse pelo emprego de fontes iconográficas é relativamente recente”. A fotografia é entendida por esses pesquisadores como fonte historiográfica, portadora de informações multidisciplinares<sup>9</sup>. Já Paulo Miguel (1999, p. 228) enfatiza que “ao analisarmos fotografias antigas devemos ter a consciência de estarmos analisando documentos históricos que nos revelam o próprio passado da comunidade”... Chiavari (2005) destaca que todas as imagens acionam na mente do observador a capacidade de ver além do que está registrado<sup>10</sup>. Podemos afirmar que tanto as imagens produzidas por dispositivos técnicos quanto as pictóricas, definiram novas possibilidades de se visualizar o passado e assim os circuitos sociais das imagens foram integrados à análise histórica ampliando suas possibilidades de pesquisa (MAUAD, 2008, p. 98). Hoje é possível se propor uma história visual, embora não possamos perder de vista a conexão entre a História e os movimentos sociais, reconhecendo que essa história é reelaborada pela experiência social dos homens ao longo do tempo. Segundo Paiva (2006, p. 18), a iconografia é entendida como “um registro histórico realizado por meio de ícones, de imagens pintadas, desenhadas impressas ou imaginadas e, ainda esculpidas, modeladas, gravadas em material fotográfico e cinematográfico”. Ela é uma fonte histórica das mais ricas, que traz embutidas em si as escolhas do produtor e todo o contexto no qual ela foi concebida, idealizada, forjada ou

---

<sup>9</sup> A originalidade da fotografia- vale ressaltar- é redescoberta na atualidade em diferentes abordagens como as de Dubois (2007), Kossoy (2006), Michaud (2008), Sontag (2004), etc.

<sup>10</sup> A fotografia possibilitaria duas vertentes de análise: a primeira dizendo respeito ao que se vê, isto é, ao registro visual de uma cena congelada; e a segunda, referindo-se ao que já se tornou documento e, como tal, permite novas interpretações ou significados não explícitos nas imagens.

inventada. Muaze (2008, p. 81) destaca que desde que foi inventada, a fotografia passou a construir uma nova história, em que imagens e aparências passaram a informar mais que as palavras. Surge a partir daí, na verdade, uma **cultura da imagem**, criando uma relação entre o real e o imaginário. Entre os costumes da elite imperial no Rio de Janeiro se destacava o hábito de tirar fotografias (MUAZE, 2008, p. 82). Nesse período, dois tipos de fotografia se difundiriam: as imagens de paisagens e os retratos. As primeiras eram enviadas para exposições na Europa (FERREZ, 2000), como forma de documentação do ambiente físico e social do Brasil. A fotografia não precisou nem de uma década após sua invenção para registrar as primeiras imagens do país. O próprio imperador foi o precursor da fotografia e a partir da segunda metade do século XIX, diversos fotógrafos estrangeiros, muitos deles patrocinados por D. Pedro II, instalaram-se no Brasil.

### **Memória Visual do *Ciclo do Café***

Povos indígenas do Vale do Paraíba como os *Puri-Coroado* (MG), foram documentados pelos *cronistas* que percorreram nossos sertões, sobretudo ao longo do século XIX— a exemplo de Eschwege (2002), Debret (1993), Rugendas (1998, 2000) e Saint Hilaire (2000). Nessas missões científicas, a credibilidade do relato era “reforçada pelo trabalho do desenhista, que tudo registra pormenorizadamente” (ALEGRE, 1998, p. 65). Em seus relatos e pinturas, esses viajantes refletiram o contexto sociocultural, histórico, ideológico e o imaginário da época (BELLUZZO, 1998), se colocando quase que invariavelmente “como seres civilizados frente a uma cultura exótica” (MENEZES, 2004, p. 98). Já outros povos indígenas do Brasil Meridional como os *Xetá* e os *Xocleng* (SC), seriam representados através do instrumental “emergente” da fotografia. Santos (1997, p. 9) assinala em relação aos *Xocleng* (habitantes das florestas entre o litoral e o planalto da região sul) que: relatórios oficiais, correspondências, notícias de jornais, debates acadêmicos e fotografias “registraram as práticas genocidas contra esse povo indígena. Um caso raro, pois os indígenas do país foram, em maioria, dizimados sem deixar informações sobre sua existência”. Souza Filho (2003, p. 80) descreve a



experiência histórica do contato dos índios *Xetá* como a “cronologia de um genocídio”, enfatizando que:

“o povo xetá não sobreviveu. Hoje são cerca de dez indivíduos, vivendo separados, alguns de empréstimo em aldeias de kaingangues, outros em cidades da região. Mas antes de serem exterminados pelo avanço impiedoso da fronteira agrícola, os Xetá dominavam a selva da Serra de Dourados, onde a chegada da Companhia de Colonização Suemitsu Miyamura & Cia. Ltda., se deu com a queimada das matas, porque não havia interesse na madeira, mas tão somente na abertura de lotes para serem vendidos aos novos ocupantes”.

Na região de Londrina, outra empresa, a Companhia de Terras Norte do Paraná (subsidiária da corporação britânica *Paraná Plantation Ltd.*), criou “um corpo policial que se encarregou de expulsar os índios e posseiros que se recusassem a negociar suas terras” (STECA, FLORES, 2002, p. 140)<sup>11</sup>. Em relação aos *Xetá*, Souza Filho (2004, p. 81) complementa que:

“em 1955, a Universidade Federal do Paraná e o órgão nacional indigenista organizaram uma expedição que localizou aldeias e objetos que hoje se encontram no Museu Paranaense, mas nenhum índio... No ano seguinte a expedição foi mais longe e localizou dois grupos pacíficos que se deixaram fotografar e filmar, brincaram, riram, mas não acompanharam a expedição que queria arranchá-los em uma fazenda próxima. Ficaram no mato. Poucos meses depois, um dos grupos foi massacrado, em um crime nunca perfeitamente explicado e jamais diretamente julgado”.

Nesse caso, a fotografia documental assumiu uma função de instrumento de sensibilização pública e denúncia, inaugurando um singular capítulo na história do indigenismo brasileiro e similar ao trabalho fotográfico executado hoje por Sebastião Salgado (1997).

## **Conclusões**

Obtivemos como resultados, o aprimoramento da capacidade cognitiva dos estudantes, a socialização das informações, a vivência coletiva de experiências e a construção de uma visão transdisciplinar do Conhecimento,

---

<sup>11</sup> Tratar-se-ia, nessa região, de agrupamentos de índios “coroados” (Kaingáng)

tendo como meta a conexão entre Ciência e Arte (ou a possibilidade de desenvolvimento de uma leitura científica da realidade, focada na Fotografia). Obtivemos também como resultado do processo, uma sensibilização dos estudantes quanto aos temas em foco abrindo trincheiras de discussão sobre um período histórico (o *Ciclo do Café*), um processo socioeconômico e geopolítico (a expansão da *fronteira*) e um fenômeno etnohistórico (a desterritorialização indígena). Foi viabilizada também a operacionalização de ferramentas de trabalho conceituais do planejamento territorial (*topofilia, topofobia, topocídio, topo-reabilitação*), através da participação em práticas de leitura e interpretação de textos, palestras temáticas e participação em espaços de diálogo intra e extraclasse. Ocorreu elevado grau de integração entre educadores e educandos ao longo do processo. A avaliação da prática teve um caráter processual e contínuo, respeitando a diversidade sociocultural dos universitários. A culminância do trabalho se deu com a realização de seminário onde os discentes apresentaram trabalhos vinculados aos recortes temáticos selecionados.

### **Referências Bibliográficas**

- ALEGRE, Maria Sylvia Porto - Imagem e Representação do Índio no Século XIX. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Índios no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 1998, p, 59-72.
- ALIMONDA, Héctor, FERGUSON, Juan – Travessia de Imagem (Um Projeto de Documentação Sobre o Mundo Rural). In: COSTA, Luiz Flávio de Carvalho, MOREIRA, Roberto José; BRUNO, Regina. **Mundo Rural e Tempo Presente**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 99-114.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno- Topofilia, Topofobia e Topocídio em Minas Gerais. In: DEL RIO, Vicente, OLIVEIRA, Livia de. **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. 2 Ed. São Carlos (SP): Editora UFScar/ Studio Nobel, 1999, p. 139-152
- BELLUZZO, Ana Maria M.– A Lógica das Imagens e os Habitantes do Novo Mundo. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Índios no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 1998, p. 47-58.

- BORELLI, Sílvia Helena Simões- Os Kaingang no Estado de São Paulo: Constantes Históricas e Violência Deliberada. In: COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO/ SP, **Índios no Estado de São Paulo**: Resistência e Transfiguração. São Paulo: Yankatu Editora, 1984, p. 45-82.
- BROGGIO, Celine, DROULERS, Martine, GRANDJEAN, Pernette – A Dinâmica Territorial da Cafeicultura Brasileira: Dois Sistemas de Produção em Minas Gerais. **Território**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 6, p. 73-92, jan./ jun. 1999.
- CARDOSO, D.– A Expansão da Cafeicultura no Brasil. In: FERNANDEZ, Alexandre Agabiti. Temas Brasileiros: Café. **História Viva**, Edição Especial, São Paulo, n 1, p. 18 – 21, 2007.
- CASTRO, Henrique Moreira, DEUS, José Antônio Souza – O Mundo Agrário Sob a Ótica da Cultura Visual: Uma Abordagem Teórico-Conceitual e Metodológica Aplicada ao Ensino das Geociências. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 3, 2007, Londrina/ PR, **Anais...** Londrina: UEL/USP/UNESP/UFMS/UNIOESTE-PR/AGB, 2007, p. 1-15.
- CATELLI Jr., Roberto– **Brasil**: do Café à Indústria- Transição Para o Trabalho Livre. São Paulo Editora Brasiliense, 2004, 66 p.
- CHIAVARI, Maria Pace- Uma Viagem por Trás das Lentes. **Nossa História**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 24, p. 34-38, out. 2005.
- COSTA, M. B. B.– Rastro de Destruição. In: FERNANDEZ, Alexandre Agabiti. Temas Brasileiros: Café. **História Viva**, Edição Especial, São Paulo, n. 1, p. 44 - 49, 2007.
- CUSTÓDIO, José de Arimathéia Cordeiro- E Narciso e Mnemósine Geraram a Fotografia... In: MAGAHÃES, Fernanda; SOUZA, Maria Irene Pellegrino de Oliveira. **O Discurso Fotográfico**, Londrina (PR): EdUEL, p.141-160, 1999.
- DEAN, Warren– **A Ferro e Fogo**- A História e a Devastação da Mata Atlântica Brasileira. Tradução de Cid K. Moreira, São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 484 p. Original Inglês.

- DEBRET, Jean Baptiste– **O Brasil de Debret**. Tradução de Sérgio Milliet. Belo Horizonte: Villa Rica Editoras Reunidas 1993, 29 p.
- DEUS, José Antônio Souza- **Geografia Cultural do Brasil/ Etnogeografia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, 135 p.
- DUBOIS, Philippe - **O Ato Fotográfico**. 10 Ed. Tradução de Marina Appenzeiler. São Paulo: Papirus Editora, 2007, 362 p. Original Francês.
- ECCARDI, Fulvio; SANDALI, Vincenzo – **O Café: Ambientes e Diversidade**. Tradução de Raffaella F. Quental. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, 256 p. Original Italiano.
- ENCARNAÇÃO, Ronaldo de Oliveira; LIMA, Darcy Roberto– **Café & Saúde Humana**. Brasília, Embrapa Café Documentos, 2003, 64 p.
- ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig- **Jornal do Brasil: 1811/1817- Relatos Diversos do Brasil Coletados Durante Expedições Científicas**. Tradução de Friedrich E. Renger, Tarcísia L. Ribeiro e Günter Augustín. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2002, 408 p. Original Alemão.
- FERREZ, Marc– **Fotografias de Um “Artista Ilustrado”**. São Paulo: Cosac & Naif Edições, 2000, 126 p.
- FREDERICO, Samuel; CASTILLO, Ricardo– Circuito Espacial Produtivo do Café e Competitividade Territorial no Brasil. **Ciência Geográfica**, Bauru (SP), v. 10, n. 3, p. 236-251, set./ dez. 2004.
- FREHSE, Fraya– Antropologia do Encontro e Desencontro: Fotógrafos e Fotografados nas Ruas de São Paulo 1880/ 1910. In: MARTINS, José de Souza, ECKERT, Cornélia, NOVAES, Sylvia Caiuby. **O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais**. Bauru: EdUSC, p. 185–224, 2005.
- GAGLIARDI, José Mauro – **O Indígena e a República**. São Paulo Editora Hucitec/ EdUSP/ Secretaria de Estado da Cultura, 1989, 309 p.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos– A Resistência Cultural dos Apinayé. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 70-75, fev.1983.
- HAESBAERT, Rogério– Concepções de Território Para Entender a Desterritorialização. In: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA- UFF/ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS.

**Território. Territórios.** Niterói (RJ): PPGeo-UFF/AGB, 2002, p. 17-38.

---

- **O Mito da Desterritorialização:** Do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2004, 400 p.

HORTA, Célio Augusto da Cunha; DIAS, Márcia Soares– Trabalhadores do Café no Vale do Jequitinhonha: Uma Análise Geográfica. **Cadernos do Leste**, Belo Horizonte, v. 1, n. 4, p. 1-55, out. 2002.

KOSSOY, Boris– **Hercule Florence-** A Descoberta Isolada da Fotografia no Brasil. 3 Ed. São Paulo: EdUSP, 2006, 407 p.

LORENZETTI, Linda Rice- **The Birth of Coffee.** Nova York: Clarkson Publishers, 2000, 192 p.

MARTINS, Ana Luiza- **História do Café.** São Paulo: Editora Contexto, 2008, 316 p.

MAUAD, Ana Maria– Entre Imagens e História. **Revista de História da Biblioteca Nacional.** Rio de Janeiro, vol. 3, n. 29. p. 98, fev. 2008.

MENESES, José Newton Coelho– **História e Turismo Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004, 128 p.

MICHAUD, Yves – Visualizações- O Corpo e as Artes Visuais. Tradução de Ephraim F. Alves. In: COURTINE, Jean Jacques. **História do Corpo-** As Mutações do Olhar: O Século XX. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2008, p. 541-565. Original Francês.

MIGUEL, Paulo– Projeto Caixa de Memória. In: MAGALHÃES, Fernanda, SOUZA, Maria Irene Pellegrino de Oliveira **O Discurso Fotográfico,** Londrina: EdUEL, 1999, p. 227-248.

MONBEIG, Pierre- **Pioneiros e Fazendeiros em São Paulo.** Tradução de Ary França e Raul A. Silva. São Paulo: 1998, Ed. Hucitec/ Poli, 1998, 392 p. Original Francês.

MORT, Emília Emico Miya– Qualidade dos Cafés do Brasil. In: SIMPÓSIO DE PESQUISA DOS CAFÉS DO BRASIL, 1, 2000, Poços de Caldas (MG), **Anais...** Brasília, Embrapa, 2002, p. 99-107.

- MUAZE, Mariana- Álbum de Família. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, v. 3, n.30, p. 82-83, mar. 2008.
- PAIVA, Eduardo França- **História & Imagens**. 2 Ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2006, 120 p.
- PASCOAL, Luís Norberto- **Aroma de Café: Guia Prático Para Apreciadores de Café**. 2 Ed. Campinas (SP): Fundação Educar DPaschoal, 2006, 160 p.
- PINHEIRO, Niminon Suzel - Terra Não é Troféu de Guerra. In: Tommasino, Kimye MOTA, Lúcio Tadeu, NOELLI, Francisco Silva. **Novas Contribuições aos Estudos Interdisciplinares dos Kaingang**, Londrina (PR): EdUEL, 2004, p. 353-413.
- POSSA, Lidia Maria Vianna – **Mulheres, Trens e Trilhos: Modernidade no Sertão Paulista**. Bauru (SP): EdUSC, 2001, 462 p. ,
- POZZOBÓN, Irineu – **A Epopéia do Café no Paraná**. Londrina (PR): Grafmarke, 2006, 224 p.
- PRADO JÚNIOR, Caio– **História Econômica do Brasil**. 42 Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997, 364 p.
- RIBEIRO, Berta– **O Índio na História do Brasil**. 5 Ed. São Paulo: Global Editora, 1987, 125 p.
- RIBEIRO, Darcy - **Os Índios e a Civilização- A Integração das Populações Indígenas no Brasil Moderno**. 7 Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, 559 p.
- ROSS, Jurandyr L. Sanches – **Geografia do Brasil**. São Paulo: EdUSP, 1995, 546 p.
- RUGENDAS, Johann Moritz– **O Brasil de Rugendas**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1998, 23 p.
- \_\_\_\_\_ - **Viagem Pitoresca Através do Brasil**. Tradução de Sérgio Milliet. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1998, 166 p.
- SAINT HILAIRE, Auguste - **Viagem Pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Tradução de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2000, 378 p.
- SALGADO, Sebastião – **Trabalhadores: Uma Arqueologia da Era Industrial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, 399 p.

- SANTAELLLA, Lúcia - **O Que é Semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003, 84 p.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura – **O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI**. 7 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2005, 473 p.
- SANTOS, Sílvio Coelho – **Os Índios Xokleng** Memória Visual. Florianópolis: Editora UFSC/ Ed. UNIVALI; 1997, 152 p.
- \_\_\_\_\_ - **The Surviving Indian Man of the South**. Florianópolis: Editora Garatuja, 1978, 115 p.
- SILVA, Carmen Lúcia – Xetá: Sobreviventes do Extermínio. In: RICARDO, Carlos Alberto. **Povos Indígenas no Brasil: 1996/ 2000**. São Paulo: ISA, 2000, p. 813.
- SODRÉ, Nelson Werneck- **Panorama do Segundo Império**. 2 Ed. Rio de Janeiro, Graphia Editorial, 2004, 350 p.
- SONTAG, Susan – **Sobre Fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo Companhia das Letras, 2004, 223 p.
- SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés – Multiculturalismo e Direitos Coletivos. In: SANTOS, Boaventura de Souza. **Reconhecer Para Libertar: Os Caminhos do Cosmopolitismo Multicultural**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003, p. 71-110.
- STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia Dias – **História do Paraná- Do Século XVI à Década de 1950**. Londrina (PR): EdUEL, 1992, 205 p.
- TUBALDINI, Maria Aparecida dos Santos– Gestão do Território e Alternativas Para a Produção Agrícola Familiar. In: CASTRO, Iná Elias, MIRANDA, Mariana, EGLER, Cláudio A. G. **Redescobrimo o Brasil: 500 Anos Depois**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p.263-274.
- VISCARDI, Cláudia M. R.– “Café Com Leite?”, **Nossa História**, São Paulo, v. 2, n. 19, p. 44- 47, maio 2005.
- WAIBEL, Leo – **Capítulo de Geografia Tropical e do Brasil**. 2 Ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1979, 336 p